



A obra, o autor e o tempo: As narrativas líquidas no Snapchat¹

Manuella Teixeira Vidal²

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

O presente artigo promove uma breve reflexão de como o aplicativo *Snapchat* se diferencia das demais redes sociais digitais em relação à forma de interação entre os usuários e à noção de tempo e espaço. A observação se dá na construção de perfis identitários que emergem do processo de narrar-se. O suporte teórico desta análise será, principalmente, os conceitos e as reflexões do sociólogo Zigmund Bauman sobre a “modernidade líquida” e seus desdobramentos contemporâneos quando os entrelaçamos com “obra, autor e tempo”, como postulados por Paul Ricouer.

Palavras-chave: *Snapchat*; narrativas; modernidade líquida.

Introdução

No livro “The Culture of Conectivity”, Jose van Djick (2013) afirma que as plataformas de mídias sociais têm, inquestionavelmente, alterado a natureza da comunicação pública e privada. Segundo o autor, muitos dos hábitos criados nos ambientes das redes sociais costumam ser manifestações informais e efêmeras da nossa vida social, ressaltando, contudo, que a grande diferença entre os ambientes *online* e *off-line* estaria no fato de disponibilizarmos conteúdo privado em domínios públicos; o que gera alcance e repercussão muito maiores e duradouros. Nesse sentido, portanto, teríamos basicamente uma ampliação da vida *off-line*.

Com efeito, pautados nessa lógica, nosso comportamento na internet, principalmente nas plataformas de redes sociais, está sendo ancorado na noção de que tudo o que fazemos e postamos pode ser permanente e duradouro. Fotos, comentários, opiniões e acontecimentos postados hoje estão registrados em nossos perfis nas redes sociais digitais, podendo ser facilmente acessados no futuro. É bem provável que, mesmo que não seja essa a intenção (de registro e permanência) na maioria dos casos, tal possibilidade acabe influenciando o comportamento dos usuários, que tendem a ter certa cautela (mesmo que minimamente) em relação ao que se expõe.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 01 – COMUNICAÇÃO E CONSUMO: cultura empreendedora e espaço biográfico, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação- Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação da Prof. Karla Patriota Bronsztein. E-mail: manuella_vidal@outlook.com



Foi nesse contexto que surgiu, em 2013, o aplicativo para *smartphones*, *Snapchat*, uma rede social digital que permite o compartilhamento de fotos, vídeos e mensagens, de forma direcionada para determinados amigos, ou em “histórias” disponíveis para toda a rede de contatos. A grande ‘novidade’, contudo, é que o conteúdo disponibilizado é apagado instantaneamente ou em, no máximo, 24h.

O objetivo desta análise será, então, compreender como o *Snapchat* se diferencia das demais redes sociais digitais já amplamente popularizadas, em relação à forma de interação entre os usuários e à noção de tempo e espaço na construção de um perfil ou identidade social, voltando o nosso olhar para os processos de narrar a si próprio. Para esse empreendimento, nos ancoraremos, principalmente, em alguns conceitos e reflexões do sociólogo Zigmund Bauman sobre a “modernidade líquida” e seus desdobramentos contemporâneos quando os entrelaçamos com “obra, autor e tempo”, como postulados por Paul Ricouer.

Snapchat: novo formato de interação e construção de narrativas nas redes sociais

Grosso modo, o *Snapchat* é um aplicativo de mensagens no qual as imagens aparecem como prioritária importância. Utilizado a partir de dispositivos móveis, o aplicativo em questão foi criado e desenvolvido por Evan Spiegel, Bobby Murphy e Reggie Brown, estudantes da Universidade Stanford, em 2011³.

Ao baixarem e utilizarem o *Snapchat*, os usuários conseguem tirar fotos, gravar vídeos, escrever textos ou desenhos na tela e enviá-los para uma lista específica de destinatários. As fotos ou vídeos enviados são chamados de *snap*s, expressão que representa um momento instantâneo, fragmento de dia ou acontecimento.

Os usuários podem, então, estabelecer um limite de tempo para visualização dos *snap*s enviados para seus contatos (até o presente momento, tal limite varia entre 1 a 10 segundos). Após o tempo estabelecido para visualização, o conteúdo é automaticamente apagado do aplicativo e não estará mais disponível nem para o usuário que o enviou, nem para aquele que o recebeu, pois, o

³ Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Snapchat>. Acesso em: 07 de jan. 2016

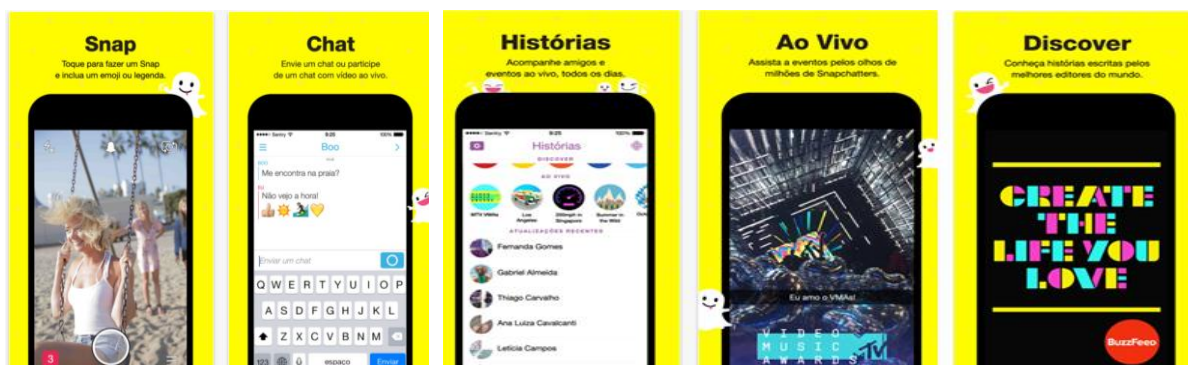


Snapchat garante que o conteúdo é, igualmente, ‘deletado’ dos seus servidores – o que impossibilita, portanto, a sua recuperação.

Além dos *snaps* direcionados para um ou mais destinatários, o usuário também tem a opção de publicá-los na funcionalidade *Minha História* (*My Story*), que permite compilar *snaps* em uma sequência narrativa (*Story*) que poderá ser assistida pelos seus contatos em ordem cronológica, contudo, com a mesma lógica do descarte, visto que a disponibilidade é de apenas 24h após a postagem.

Há também a possibilidade de adicionar algum *snap* publicado na “Minha História” por um usuário no modo “Ao Vivo” (ou “*live stories*”, em inglês), que consolida o conteúdo gerado por diversos usuários sobre um tema específico (eventos, acontecimentos, datas comemorativas etc) em uma narrativa, também disponível por 24h, que pode ser visualizada por usuários de todo o mundo. Tal funcionalidade equivale a uma construção coletiva de uma “história” com fragmentos de um dia ou de uma transmissão de evento.

Dentro do aplicativo há ainda uma sessão destinada às grandes marcas e editores de todo o mundo, na qual cada um tem uma espécie de canal que permite a disponibilização de conteúdos de curta duração, gerados exclusivamente para o *Snapchat*. Algumas das editorias presentes atualmente na funcionalidade “Discover” são: as revistas *People* e *Cosmopolitan*, o jornal *Daily Mail*, os canais *MTV*, *National Geographic* e *CNN*.



Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 – Imagens das telas com as funcionalidades e opções de uso do Snapchat.⁴

⁴ Disponíveis em: <https://itunes.apple.com/br/app/snapchat/id447188370?mt=8> e <https://itunes.apple.com/br/app/snapchat/id447188370?mt=8>. Acesso em: 10 mai. 2016.



Segundo o jornal Financial Times, em novembro de 2015, o *Snapchat* registrava 6 bilhões de visualizações de vídeos por dia, número, relativamente, próximo ao do *Facebook*, que registra cerca de 8 bilhões de visualizações de vídeos/dia⁵. Todavia, ao compararmos o número de usuários ativos em cada rede social, fica evidente que o compartilhamento e visualizações de vídeos é muito mais intenso no *Snapchat*, uma vez que estamos falando de aproximadamente 100 milhões de usuários na plataforma contra 1 bilhão de usuários do Facebook – o que, por si só, já evidencia o alto grau de atividade de seus usuários.

As ‘novidades’ no formato de interação entre os usuários e a possibilidade de construção de narrativas curtas e ‘descartáveis’ que o *Snapchat* trouxe para as redes sociais digitais, conquistaram principalmente os mais jovens. Dados divulgados pelo próprio aplicativo⁶ revelam que, nos Estados Unidos, 60% dos seus usuários têm entre 13 e 24 anos, uma tendência que se repete entre os demais países.

Ao explicar para que serve o aplicativo em um vídeo⁷, publicado no mês de junho de 2015, Evan Spiegel, fundador e CEO do *Snapchat*, relata que "antigamente, fotos eram feitas para guardar memórias. Agora, são usadas para falar e, é por isso, que as pessoas estão tirando e enviando milhares de fotos no *Snapchat* todos os dias". Trata-se, por conseguinte, de um hábito que está cada vez mais comum entre os jovens, produzindo a popularidade do aplicativo entre esse público. No mesmo vídeo, Spiegel ainda argumenta que, ao analisarmos a evolução das redes sociais digitais, desde o surgimento delas até o presente momento, fica evidente que, no início, essas plataformas possibilitavam o acúmulo de momentos, memórias, fotos e mensagens, permitindo que um usuário publicasse inúmeras fotos ou vídeos de um evento da sua vida em um único álbum, no qual seus amigos poderiam visualizá-las e fazer comentários. Agora, a popularização do telefone celular valorizou a ideia de expressar-se instantaneamente, auxiliando o usuário a mostrar como se sente e onde ele está em um dado momento, em *real time* – exatamente como acontece na vida cotidiana.

Segundo o CEO do *Snapchat*, a mudança na forma de comunicação e compartilhamento nas redes sociais está associada ao próprio processo de construção das identidades contemporâneas,

⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/snapchat-tem-6-bilhoes-de-videos-vistos-por-dia-e-se-aproxima-do-facebook>, acesso em 10 mai. 2016.

⁶ Disponível em: <https://www.snapchat.com/ads>, acesso em 10 mai. 2016.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ykGXIQAHLnA>, acesso em 10 mai. 2016.



estas que nas redes sociais digitais eram estabelecidas com base no acúmulo de fatos e memórias do que já se fez no passado. Atualmente, com a possibilidade de expressar-se instantaneamente, os usuários estão representando sua identidade ou perfil com base no que são agora, no momento.

O *Snapchat* em tempos líquidos

Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas, como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo (BAUMAN, 2001, p. 14).

O momento da história em que vivemos é conceituado por Zigmund Bauman como *modernidade líquida*, porque os tempos são “líquidos”, no sentido em que tudo muda muito rapidamente e nada é feito para durar, para ser sólido. Um atributo, que segundo o sociólogo, define a modernidade, ou vida moderna, cuja relação se constitui na perspectiva cambiante entre tempo e espaço. Para o autor, “a modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si” (BAUMAN, 2001, p. 15).

Nesse sentido, o tempo é utilizado pelos homens na modernidade como ferramenta para encurtar distâncias e conquistar espaços. Assim, torna-se possível viajar longas distâncias na velocidade da luz e romper todas as barreiras espaciais para estarmos em qualquer lugar, a qualquer momento. A internet, na sua formatação, pode ser considerada a grande representação do uso do tempo ‘como ferramenta’, pelos homens na modernidade. Ela reconfigura noções que estavam previamente acomodadas e as transforma: há novos tempos e novos espaços a partir da vida digitalizada e em rede. Nas redes sociais digitais, com seus peculiares formatos, experimentamos ainda uma grande revolução no tempo, no espaço de interação e nas formas de conversação e interpretação entre os indivíduos.

Poderíamos, inclusive, postular que outras significações emergem, estas que marginalizam a noção de “sentidos literais”, constituem, por sua formatação em termos temporais e situacionais, diversas subjetividades, como parte componente da memória discursiva⁸. São, portanto, significações não são eternas, nem sem movimentos. Elas se fragmentam, se desestruturam, se

⁸ “A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (PÊCHEUX, 1999, p.52)



partem e se transformam, por “fermentação” – mesmo que sejam indispensáveis como fundação; como memória; visto que se constituem, verdadeiramente, como as condições de legibilidade das narrativas compartilhadas em rede.

Durante a última década, observamos a consolidação e popularização de redes sociais como *Facebook* e *Orkut*, possibilitando a construção de um perfil e de uma narrativa de si próprio, na disponibilização das informações, fotos, mensagens, vídeos e opiniões no formato de *timeline*, ou linha do tempo. É, por conseguinte, na disponibilização e no ‘armazenamento de registros pessoais’ para uma rede de “amigos” ou “seguidores”, que os usuários, donos dos perfis, erigem, ao longo do tempo, uma dada ‘identidade social’. A memória narrativa aparece com relativa importância no acúmulo dos registros, estes capazes de auxiliarem na produção de um dado “capital social”⁹, de acordo com as interações que se estabelecem nesses ambientes (número de seguidores, comentários, curtidas, compartilhamentos obtidos) dentro do que Van Dick (2013) conceitua como “*online economy of social media*”.

Porém, hoje, já acompanhamos um movimento de diminuição na atividade dessas plataformas entre o público mais jovem, por falta de identificação com o modelo de comunicação estático, unidimensional e pouco inovador que oferecem. Em 2013¹⁰, por exemplo, o Chefe de Departamento Financeiro do *Facebook*, David Ebersman, declarou que o uso, da rede social em questão, por adolescentes havia diminuído. Dessa forma, talvez não seja leviano concluir que, se os adolescentes continuam gastando o mesmo tempo para acessar a internet em seus dispositivos (computador, celular, *tablets* etc), com a diminuição de atividade no *Facebook*, esse tempo está distribuído entre outras redes sociais diversificadas, como *Instagram*, *Twitter*, *Whatsapp* e *Snapchat* – corroborando com a perspectiva do *ethos multinetworking*¹¹ da contemporaneidade.

⁹ Segundo Recuero (2005), o capital social tem dupla faceta é coletivo e individual: “Diz respeito ao indivíduo, a partir do momento que este é que pode alocar esses recursos e utilizá-los. É coletivo, porque faz parte das relações de um determinado grupo ou rede social e somente existe com ele. (...) é associado a um grupo – o qual provê cada um dos membros com o suporte do capital coletivo (...)”. (...) O capital social, portanto, apenas existe enquanto recurso coletivo, mas por ter capacidade de ser alocado e utilizado individualmente, tem este caráter duplo.”

¹⁰ Disponível em: <http://abcnews.go.com/Technology/teens-leaving-facebook/story?id=20739310>, acesso em 05 mai. 2016.

¹¹ Os consumidores estão predispostos ao consumo em diversos formatos e plataformas. Como são *multinetworking* não apresentam fidelidade a nenhuma plataforma, apenas “preferências” dependendo das funcionalidades e das entregas que cada uma delas fazem. Um dos principais motivos para a adesão crescente às várias redes é a emergência



A tal conjuntura se somam a intensificação da liquidez nos relacionamentos e as múltiplas e simultâneas interações sociais, principalmente no ambiente online. Surgem novas plataformas que ampliam os contatos e viabilizam o ‘não comprometimento’ com um único perfil ou identidade estática. E mais: não deixam rastros permanentes nem laços sólidos de interação, o que tem gerado grande aderência com os usuários mais jovens e suas perspectivas não lineares e *multitask*.

O *Snapchat* incorpora, em sua essência, como nenhuma outra plataforma classificada como de ‘relacionamento’, a liquidez no conteúdo, no sentido em que mensagens, fotos, narrativas, interações, conversas e histórias não ficam armazenadas na plataforma, mas, literalmente, desaparecem dos arquivos, indo de encontro à lógica predominante nas demais redes sociais digitais que, até então, focavam no acúmulo dos registros e postagens.

As reflexões do filósofo Paul Ricoeur (2003) sobre as noções de esquecimento e apagamento, relacionadas ao processo de rememoração, podem nos ajudar como ‘chaves’ para entendermos o mecanismo de funcionamento do *Snapchat*, no sentido em que o valor das narrativas ou “histórias” contadas diariamente pelos usuários não está numa base de registros acumulados, mas sim no cerne do conteúdo e no que será lembrado após a sua autodestruição:

O que a noção de rasto e esquecimento têm em comum é, antes de tudo o mais, a noção de apagamento, de destruição. Mas este processo inevitável de apagamento não esgota o problema do esquecimento. O esquecimento tem igualmente um polo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas. De uma certa forma, essa indisponibilidade encontra a sua explicação ao nível de conflitos inconscientes. A esse respeito, uma das lições preciosas da psicanálise é que esquecemos menos do que pensamos ou cremos (RICOEUR, 2003, p.6).

Parece-nos, por conseguinte, que a lógica por trás do *Snapchat* vem, então, questionar todo esse processo de acúmulo de registros nas redes sociais digitais, como a construção de um perfil narrado sobre si. Mesmo que a ansiedade para registrar momentos continue a ser o motor que impulsiona as pessoas a utilizarem as redes sociais digitais. Trata-se de uma vontade geral de registro (NORA, 1993) da nossa época. Por outro lado, agora, não há mais tanto interesse em tornar esses registros permanentes, pois o foco está em registrar, de forma simultânea, as experiências e compartilhar momentos diários com as outras pessoas *online*, sem maiores preocupações em

de comportamentos sociais mais sofisticados: as pessoas usam diferentes redes para diferentes atividades e consumos específicos (PATRIOTA; BARROS, 2016).



relação aos arquivos e acessos futuros a tais registros – na maior parte composto de minudecências triviais¹², portanto, nada muito ‘digno’ de permanência.

O tempo instantâneo e sem substância do software é também um tempo sem consequências. “Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse (BAUMAN, 2001, p.137).

No livro “Entre Memória e História”, Nora (1993) afirma que produzir arquivo é o imperativo da nossa época. Atualmente, com a proliferação das redes sociais digitais e dos dispositivos móveis, a produção de arquivos foi sobremodo potencializada e banalizada - ao ponto de a sociedade não saber o que fazer com tanta informação. Falta tempo, espaço e genuíno interesse para consumir tudo o que é produzido. Observamos, agora, o movimento contrário ao acúmulo de arquivos, quando os usuários das redes sociais digitais começam a não ter mais o interesse (ou a preocupação¹³) em deixar rastros de sua personalidade e experiências nessas plataformas.

Estamos diante de uma nova geração que se identifica e se instala na efemeridade e simultaneidade e que, provavelmente, não tem interesse em estabelecer relações sólidas. Jovens que, em vídeos fragmentados de 10 segundos, ou em mensagens de 140 caracteres¹⁴, conseguem se expressar, narrar seu dia ou conversar com sua rede de amigos. São pessoas que mantêm conversas frequentes e conseguem se conectar e se desconectar, rapidamente, com tudo aquilo que está ao seu redor – por isso a essência *multinetworking* na utilização de várias plataformas, em busca de experiências diferentes em cada uma delas.

O advento da proximidade virtual torna as conexões humanas simultaneamente mais frequentes e mais banais, mais intensas e mais breves. As conexões tendem a ser demasiadamente breves e banais para poderem condensar-se em laços. (BAUMAN, 2004, p. 38).

Nesse cenário, observamos o sucesso do aplicativo *Snapchat*, uma vez que sua proposta não está em quantificar ou acumular elogios, comentários ou compartilhamentos ao longo do tempo, visto que todo seu conteúdo desaparecerá quase que instantaneamente. O *Snapchat* incorpora, no seu *modus operandi*, um senso de urgência e simultaneidade, que faz com que as pessoas acompanhem o dia a dia das outras, dentro de no máximo 24h, já que após esse tempo aquele

¹² O conteúdo com prazo de validade, é um chamariz maior para a produção (em detrimento do consumo). As pessoas criam sem se preocuparem, já que o conteúdo vai ser apagado pra sempre.

¹³ O que ensaia uma pseudo privacidade na oferta e consumo, prova disso é a proliferação de *nudes* no *Snapchat*.

¹⁴ Limite de caracteres imposto pelo Twitter.



conteúdo já não terá mais sentido, pois não estará mais disponível. O objetivo dessa rede social digital aponta para as experiências compartilhadas no ‘agora’ e no ‘ao vivo’. Diante disto, o conteúdo gerado necessita simular liquidez, ser fluído, escorregadio e ‘impermanente’ para dar espaço a experiências outras a cada novo dia, que, sucessivamente, desaparecerão.

Narrativas Líquidas e renascimento: o “ser líquido” no *Snapchat*

Uma mensagem brilha na tela em busca de outra. Seus dedos estão sempre ocupados: você pressiona as teclas, digitando novos números para responder às chamadas ou compo suas próprias mensagens. Você permanece conectado — mesmo estando em constante movimento, e ainda que os remetentes ou destinatários invisíveis das mensagens recebidas e enviadas também estejam em movimento, cada qual seguindo suas próprias trajetórias. Os celulares são para pessoas em movimento. (BAUMAN, 2004, p.37).

Os celulares são para pessoas em movimento e por isso o *Snapchat* é um aplicativo desenvolvido exclusivamente para celulares. Esta característica do aplicativo está diretamente relacionada à sua proposta de interação, que pressupõe o compartilhamento de momentos ao longo do dia, de forma simultânea, cronológica e efêmera.

O sociólogo Nathan Jurgenson¹⁵, em suas pesquisas sobre o *Snapchat*, defende que, hoje, as redes sociais digitais podem ser categorizadas em “permanentes” e “temporárias”. As classificadas como permanentes incentivariam a valorização dos detalhes e a qualidade de tudo aquilo que é postado, enquanto as temporárias valorizariam a experiência e significado de cada postagem naquele momento. Assim é com o *Snapchat*, já numa rápida análise: observamos a despreocupação com a estética e com a qualidade, como tradutoras particulares da plataforma. Os vídeos e as imagens relatam um diário banal, com os aspectos mais triviais e transitórios da vida.

Em artigo¹⁶ postado no blog do *Snapchat*, com o título *Temporary Social Media*, Jurgenson faz uma reflexão em relação ao ele que chama de *hyper-documentation*. Segundo o autor, as redes sociais digitais estão incentivando a documentação de tudo o que se faz, banalizando os registros fotográficos, audiovisuais ou textuais. Dessa forma, estaríamos documentando, em excesso, fragmentos dos momentos da nossa vida, que não precisariam ser registrados para a posteridade, se a nossa atenção estivesse totalmente voltada para aquela experiência em si e não para o registro da

¹⁵ Informações adicionais em: <http://nathanjurgenson.com/bio>. Acesso em 1 de mai. 2016.

¹⁶ Disponível em: <http://blog.snapchat.com/post/55902851023/temporary-social-media>. Acesso em 1 de mai. 2016.



mesma. Assim, conclui que registros em demasia, como a foto do prato do almoço de hoje, por exemplo, perdem sua importância rapidamente e não precisam ser arquivados para o futuro.

Temporary social media creates some much needed scarcity, interrupting the cycle of documentary accumulation by not allowing them to amass. We've been hoarders of the evidence of our own lives; there is no important archeology when everything is saved (JURGENSON, 2013).

O *Snapchat*, como materialização de um modelo de mídia social 'temporária', propõe que as pessoas continuem registrando e compartilhando suas experiências e momentos umas com as outras, porém sem que estas se tornem permanentes – e isso vale para todo o conteúdo que registram. Ao assumir o caráter transitório e impermanente, a rede social digital acaba incentivando o compartilhamento instantâneo e mais intenso de pedaços do dia a dia de seus usuários, pois esses não estão mais preocupados em obter a melhor foto ou em gravar o vídeo de melhor qualidade - para que sirvam de lembranças do passado, mas apenas querem comunicar e compartilhar experiências naquele momento – que na sequência ficam 'datadas' pela desatualização do momento. Uma espécie de materialização do que Stephen Bertman (*apud* BAUMAN, 2011) nomeou de "cultura do momento" e "cultura da pressa" para descrever a forma como vivemos hoje. O que aponta para uma vida "agorista" cuja "razão de apressar-se não é adquirir ou colecionar o mais possível, mas destruir e substituir o mais que se pode" (BAUMAN, 2011).

O caráter temporário do conteúdo disponibilizado no *Snapchat* faz com que essa rede social digital ainda se diferencie das demais em relação à criação do chamado *social media profile*, o perfil dos usuários nas redes sociais. Em artigo¹⁷ publicado em setembro de 2013 no blog do *Snapchat*, Jurgenson tece outra reflexão sobre o que conceitua como *the liquid self*.¹⁸ Podemos relacionar o conceito de identidade líquida, nunca solidificada, mas sempre em fluxo, defendido pelo pesquisador do *Snapchat*, com as reflexões de Bauman sobre a identidade na modernidade líquida:

As sociedades foram individualizadas. Em vez de se pensar em termos de a qual comunidade se pertence, a qual nação se pertence, a qual movimento político se pertence, etc., tentamos

¹⁷ Disponível em: <http://blog.snapchat.com/post/61770468323/the-liquid-self>. Acesso em 1 de mai. 2016.

¹⁸ De acordo com o pesquisador, as mídias sociais permanentes incentivam a criação de perfis estáticos dos usuários, que são criados e alimentados ao longo do tempo, com todas as informações acumuladas desde a sua criação. Já as mídias sociais temporárias incentivariam a mudança constante na identidade e perfil do usuário, já que o conteúdo postado também está em eterna renovação. A este perfil fluído nas mídias sociais temporárias, o teórico dá o nome de *liquid self*.



redefinir o significado de vida, o propósito de vida, a felicidade na vida, para o que está acontecendo com a própria pessoa, as questões da identidade que têm um papel importante hoje, no mundo. A pessoa tem que criar a sua própria identidade. A pessoa não a herda. Não apenas é necessário fazer isso desde o início da vida, mas é necessário passar a vida, de fato, redefinindo a própria identidade (BAUMAN, 2011).

Nas redes sociais ‘permanentes’ ainda é preciso construir um perfil com dados mais concretos e estáticos sobre si, como idade, sexo, religião, escolaridade, localização, entre outros. Dessa forma, o usuário precisa demarcar elementos que possam identifica-lo ou defini-lo, com base nesses campos pré-formatados pela plataforma em questão, que ao serem preenchidos acabam ficando disponíveis para os demais, como características fixas.

A fluidez no perfil dos usuários do *Snapchat* é refletida, portanto, pelo processo de construção das narrativas diárias disponibilizadas no modo *My Story*, que dialogam, com muita aderência, ao que Bauman (2011) postulou acerca do nosso investimento na “extraordinária empreitada de neutralização do passado”, trazendo com ela uma “mudança realmente milagrosa: a possibilidade de ‘renascer’ com facilidade”. Nessa rede social digital, de característica ‘temporária’, o perfil de cada usuário é o reflexo das histórias postadas por cada um naquele dia (ou momento específico) e a identidade dos usuários é, então, definida pelo processo de narrar-se, no agora; o que, de certa forma, facilita seu ‘renascimento’.¹⁹

Os *snaps* compilados pelos usuários no modo *My Story* circunscrevem uma narrativa cronológica com início meio e fim e, à medida que completam 24h de “existência” vão dando espaço a novos *snaps* que, por sua vez, dão continuidade à narrativa individual de cada usuário com seus recomeços e renascimentos. Dessa forma, a “história” de cada um sempre segue adiante. Trata-se sempre do presente, considerando o compartilhamento de momentos na mesma ordem em que foram vividos: histórias individuais nunca acabam e estão sempre se renovando. Como reflexo da própria vida *off-line*, o fim de uma história de hoje é sempre o começo de uma história de amanhã: “os seres humanos – como os proverbiais gatos [e suas 7 vidas] – agora tem a capacidade de esgotar muitas vidas, uma série infinita de “recomeços” (BAUMAN, 2011, acréscimo nosso).

¹⁹ No site do aplicativo, há uma descrição sobre o porquê de a rede social ser amada pelos jovens de 13 a 34 anos, ressaltando que os *snaps* fornecem uma janela personalizada sobre você e seus amigos enxergam o mundo, além de serem também reflexo de quem você é no momento, já que não há necessidade de manter uma identidade duradoura.



Considerações Finais

“Aquilo que eras ontem não impede mais a possibilidade de tornar-se alguém totalmente diferente hoje” (BAUMAN, 2011). Como o *Snapchat* é um aplicativo que não permite edições de imagem ou vídeos, as histórias postadas em formato de narrativas diárias são muito próximas da vida real de cada pessoa, afinal, a vida não é editável, nem possibilita ajustamentos no que já foi vivido.

Se, como já mencionamos anteriormente, para Ricouer (1994), a narrativa funciona como uma mediação entre o homem e o tempo, tanto a narratividade quanto a inexistência de uma neutralidade não seriam apenas uma propriedade inerente ao texto, mas uma relação constitutiva que abarca a obra, o autor e tempo. Assim sendo, ao término desta breve reflexão, defendemos que as narrativas líquidas do *Snapchat*, mesmo com a efemeridade que lhe é peculiar, promovendo apagamentos, recomeços e “renascimentos”, são manifestas no repertório de convenções, convicções e ambiguidades de um determinado momento histórico, cuja essência é de liquidez e impermanência. Ricouer postula que é na relação - que se processa entre o narrar uma história e a temporalidade que a estrutura -, que trazemos à existência uma afinidade que não é acidental: “[...] o tempo torna-se tempo humano, na medida em que é articulado de um modo narrativo, e que a narrativa atinge seu pleno significado quando se torna uma condição da existência temporal” (RICOUEUR, 1994, p. 85).

Acreditamos que é, justamente aqui, na relação postagens (obra), autor (usuário do *Snapchat*) e tempo (rápidos segundos de visualização e apagamento em 24 horas) como demarcada a partir da definição de narrativa de Ricouer, que a liquidez apontada por Bauman (que gera a indiferença pelos registros) expõe como a “potência da eternidade parece ter sido comprimida no intervalo de tempo, tudo menos eterno, de uma única vida humana”. Logo, é nas possibilidades dos “renascimentos”, que despontam nas histórias apagadas e recomeçadas, que vemos esvanecer da eternidade “o seu atrativo mais sedutor” (idem). No tempo pontilhado da sociedade líquido-moderna, como definido por Bauman (2011), vemos narrativas que se perdem porque “a eternidade não é mais um valor e um objeto de desejo”, já que como argumenta o autor, “aquilo que era o seu valor e que a tornava objeto de desejo foi apagado e transplantado no momento presente”.



Referências

ABCNEWS. Disponível em: <http://abcnews.go.com/Technology/teens-leaving-facebook/story?id=20739310>. Acesso em: 16/01/2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **Tempos Líquidos**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

_____. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

_____. **Entrevista com o filósofo polonês Zygmunt Bauman para o Fronteiras do Pensamento**. Disponível em: Acesso em: 10/01/2016.

ITUNES. Disponível em: <https://itunes.apple.com/br/app/snapchat/id447188370?mt=8>. Acesso em 10 jan. 2016.

JURGENSON, Nathan. **Temporary social media**. Disponível em: <http://blog.snapchat.com/post/55902851023/temporary-social-media>>. Acesso em: 08 de fev. 2016.

JURGENSON, Nathan. **The liquid self**. Disponível em: <http://blog.snapchat.com/post/61770468323/the-liquid-self>>. Acesso em: 08 de fev. 2016.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**, In: *Projeto História*. São Paulo: PUC, n 10. pp. 07-28, 1993.

PATRIOTA, Karla; CIRNE, Ana. **Twitter: desk research**. São Paulo, 2016. (Projeto técnico).

PÊCHEUX, M. "Papel da memória". In: ACHARD, Pierre et alii. **Papel da memória**. Trad. e intr. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

RECUERO, Raquel. **Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, Nº 28 (2005).

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa I**. Campinas: Papyrus: 1994.

_____. **Memory, history, oblivion**. Budapeste, 2003. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/219745688/Memoria-Historia>>. Acesso em: 28 de dez. 2015.

SNAPCHAT. Disponível em: <https://www.snapchat.com/>>. Acesso em: 10 de jan. 2016.

SNAPCHAT. Disponível em: <https://www.snapchat.com/ads>>. Acesso em: 10 de jan. 2016.

VAN DJICK, Jose. **The culture of connectivity. A critical history of social media**. New York, Oxford University Press, 2013.



COMUNICON 2016 congresso internacional comunicação e consumo

5º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
6º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // **COMUNICON 2016 (13 a 15 de outubro de 2016)**

VEJA. Disponível em: < <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/snapchat-tem-6-bilhoes-de-videos-vistos-por-dia-e-se-aproxima-do-facebook> >. Acesso em: 15 de jan. 2016.

VEJASP. Disponível em: < <http://vejasp.abril.com.br/materia/snapchat-rede-social-webcelebridades-sucesso/> >. Acesso em: 02 de fev. 2016.

WIKIPEDIA. Disponível em: < <https://en.wikipedia.org/wiki/Snapchat> >. Acesso em: 07 de jan. 2016.

YOUTUBE. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ykGXIQAHLnA>. > Acesso em: 24 de jan. 2016.